



O  
**ignorado**  
**amor**





Théophile Gautier

O  
**ignorado  
amor**

CASA EDITORA  
**O CLARIM**

## O IGNORADO AMOR

**Título do original francês:** Spirite

**Tradução e prefácio:** Wallace Leal V. Rodrigues

**Antefácios:** Allan Kardec

**Capa e projeto gráfico:** Equipe O Clarim

**Revisão:** Enéas Rodrigues Marques

### ***Todos os direitos reservados***

© Casa Editora O Clarim (Propriedade do Centro Espírita O Clarim)

Rua Rui Barbosa, 1070 — Centro — Caixa Postal 09

CEP 15.990-903 — Matão-SP, Brasil

Fone: (16) 3382-1066

CNPJ: 52.313.780/0001-23

Inscrição Estadual: 441.002.767.116

[www.oclarim.com.br](http://www.oclarim.com.br) | [oclarim@oclarim.com.br](mailto:oclarim@oclarim.com.br)

[www.facebook.com/casaeditoraoclarim](http://www.facebook.com/casaeditoraoclarim)

### **FICHA CATALOGRÁFICA**

Théophile Gautier (30/8/1811 - 23/10/1872)

#### **O ignorado amor**

Tradução de Wallace Leal V. Rodrigues do original francês “Spirite”

1ª edição: dezembro/1972 - 10.000 exemplares

6ª edição: outubro/2016 - 6.000 exemplares

Matão/SP: Casa Editora O Clarim

272 páginas — 14 x 21 cm

ISBN — 978-85-7357-155-4

CDD — 133.9

### **Índice para catálogo sistemático:**

- 133.9 Espiritismo
- 133.901 Filosofia e Teoria
- 133.91 Mediunidade
- 133.92 Fenômenos Físicos
- 133.93 Fenômenos Psíquicos

*Impresso no Brasil*

*Presita en Brazilo*

## Sumário

<b>9</b>	Os romances espíritas
<b>15</b>	Notícias bibliográficas espíritas
<b>23</b>	Prefácio do tradutor
<b>35</b>	Capítulo 1
<b>51</b>	Capítulo 2
<b>67</b>	Capítulo 3
<b>81</b>	Capítulo 4
<b>99</b>	Capítulo 5
<b>115</b>	Capítulo 6
<b>129</b>	Capítulo 7
<b>145</b>	Capítulo 8
<b>159</b>	Capítulo 9
<b>173</b>	Capítulo 10
<b>187</b>	Capítulo 11
<b>199</b>	Capítulo 12
<b>213</b>	Capítulo 13
<b>227</b>	Capítulo 14
<b>243</b>	Capítulo 15
<b>259</b>	Capítulo 16



Este é o primeiro romance que se escreveu empregando-se ideias espíritas como fio condutor da intriga, logo após - como se vai ver pelos comentários retirados da *Revue Spirite* dos anos de 1866 e 1867 - ao aparecimento das obras de Allan Kardec, nas quais Gautier, até certo ponto, retirou a estrutura desta singular novela, com a qual homenageamos o grande romancista francês no primeiro centenário de seu nascimento,



Théophile Gautier, em imagem capturada pelo fotógrafo Nadar (1820-1910).



## **Os romances espíritas**

Quem diz romance diz obra de imaginação. A essência mesma do romance é representar um assunto fictício quanto a fatos e personagens. Mas nesse mesmo gênero de produções há regras de que o bom senso não permite afastar-se e que, aliadas às qualidades do estilo, constituem o seu mérito. Se os detalhes não forem verdadeiros, em si mesmos, ao menos devem ser verossímeis e de perfeito acordo com o meio onde se passa a ação.

Nos romances históricos, por exemplo, é de rigor a manutenção estrita da cor-local, e há anacronismos que não seriam toleráveis. O leitor deve poder transportar-se no tempo e para os lugares de que se fala e deles fazer uma ideia justa. Aí estava o grande talento de Walter Scott. Lendo-o, encontramos em plena Idade Média. Se ele tivesse atribuído os fatos e gestos de Fran-

cisco I a Luís XI, ou mesmo se tivesse feito este e os personagens de sua corte falar como no tempo da Renascença, o mais belo estilo não o poderia ter absolvido de tais erros.

Dá-se o mesmo nos romances de costumes. Seu mérito está na verdade dos quadros, porque seria em extremo ridículo emprestar a um súdito espanhol os hábitos e o caráter dos ingleses.

Para começar, o romance parece ser o gênero mais fácil. Consideramo-lo, entretanto, mais difícil que a história, posto que menos sério. O historiador tem o seu quadro traçado pelos fatos, dos quais não pode afastar-se uma linha; o romancista deve tudo criar; mas muitos pensam que basta um pouco de imaginação e de estilo para fazer um bom romance. É um grave erro: é necessária muita instrução. Para fazer a sua Nossa Senhora de Paris, Victor Hugo teve de conhecer a sua velha Paris arqueológica tão bem quanto a sua Paris moderna.

Podem fazer-se romances sobre o Espiritismo, conto sobre todas as coisas. Dizemos mesmo que quando for conhecido e compreendido em sua essência, ele fornecerá, às letras e às artes, fontes inesgotáveis de deslumbrante poesia. Mas não seria certamente para os que vissem nas mesas-girantes as cordas dos irmãos Davenport ou artes dos charlatães. Como nos romances históricos ou de costumes, é indispensável conhecer a fundo a talagarça sobre a qual se quer bordar, a fim de não haver contrassensos, que seriam outras tantas provas de ignorância. Tal é o músico que faz variações sobre um tema que se deve sempre reconhecer através das adições da fantasia. Aquele, pois, que não estudou a fundo o Espiritismo, e

seu espírito, em suas tendências, em suas máximas, tão bem quanto em suas formas materiais, também é incapaz de fazer um romance espírita de algum valor, quanto o teria sido Lesag e de fazer Gil Blas, se não tivesse conhecido a história e os costumes da Espanha.

Para isto é, pois, necessário ser espírita crente e fervoroso?

Absolutamente! Basta ser verídico, e não se pode sê-lo sem conhecer. Para fazer um romance árabe certamente não se necessita ser muçulmano, mas é indispensável conhecer bastante a religião muçulmana, seu caráter, seus dogmas e práticas bem como os costumes daí decorrentes, para não fazer agir e falar os africanos como cavalheiros franceses.

Todavia há escritores que julgam que basta, para dar o cunho da raça, prodigalizar a torto e a direito os *Allah*, os nomes de Fátima e de Zulema, pois é mais ou menos o que todos sabem do Islamismo. Numa palavra, se não é preciso ser muçulmano, é preciso impregnar-se do espírito muçulmano, como para fazer uma obra espírita, mesmo fantástica, o é impregnar-se do espírito do Espiritismo. Enfim, é preciso que, lendo um romance espírita, os espíritas possam reconhecer-se, como os árabes deverão reconhecer-se num romance árabe e poder dizer: está certo. Mas nem uns, nem outros reconhecer-se-ão se forem fantasiados, e o autor terá feito lima obra informe, como se um pintor pintasse damas francesas em costumes chineses.

Essas reflexões nos são sugeridas a propósito do romance-folhetim que neste momento o Sr. Théophile Gautier publica no grande *Moniteur*, sob o título de *Espírita*. Não temos a honra de conhecer pessoalmente o autor; não sabemos quais as suas con-

vicções ou seus conhecimentos tocantes ao Espiritismo. Sua obra, que ainda está no começo, não permite ver-lhe a conclusão. Diremos apenas que se ele não encarasse o seu assunto senão de um só ponto de vista, o das manifestações, desprezando o lado filosófico e moral da doutrina, não responderia à ideia geral e complexa que o seu título abarca, posto que o nome de *Espírita* seja o de um de seus personagens. Se os fatos que ele imagina, para a necessidade da ação, não se encerrassem nos limites traçados pela experiência; se os apresentasse como se passando em condições admissíveis, sua obra falsearia a verdade e faria supor que os espíritas creem nas maravilhas dos contos das Mil e Uma Noites. Se atribuísse aos espíritas práticas e crenças que estes desautorizam, ela não seria imparcial e, sob tal ponto de vista, não seria uma obra literária séria.

A doutrina espírita não é secreta, como a maçonaria. Não tem mistérios para ninguém e se instala à luz da publicidade. Nem é mística, nem abstrata, nem ambígua, mas clara e ao alcance de todos. Nada tendo de alegórico, não pode dar lugar a equívocos, nem a falsas interpretações. Diz claramente o que admite e o que não admite. Os fenômenos, cuja possibilidade reconhece, não são sobrenaturais nem maravilhosos, mas fundados nas leis da natureza. De sorte que não faz milagres, nem prodígios. Aquele, pois, que não a conhece, ou que se engana quanto às suas tendências, é porque não quer dar-se o trabalho de conhecê-la. Esta clareza e esta vulgarização dos princípios espíritas, que contam aderentes em todos os países e em todas as camadas sociais, são a mais peremptória refutação às diatribes de seus adversários, porque não

há uma só de suas alegações supostas erradas que não encontrem uma resposta categórica.

O Espiritismo, então, não pode senão ganhar em ser conhecido. E é no que trabalham, sem o querer, os que julgam arruiná-lo por ataques desprovidos de qualquer argumento sério. Os desvios da conveniência na linguagem produzem efeito absolutamente contrário ao que se propõe. O público os examina e não é favorável aos que a tal se permitem. Quanto mais violenta a agressão tanto mais gente é levada a inquirir-se da verdade, e isso até mesmo nas fileiras da literatura hostil. A calma dos espíritas ante esse alçar de escudo; o sangue frio e a dignidade que conservam em suas respostas fazem com a acrimônia dos antagonistas um contraste que choca até os indiferentes e lançaram a incerteza nas fileiras opostas, que hoje contam cada vez mais deserções.

O romance espírita pode ser considerado como uma transição passageira entre a negação e a afirmação. É preciso coragem real para enfrentar e desafiar o ridículo que se atribui às ideias novas, mas essa coragem vem com a convicção. Mais tarde – estamos convencidos – das fileiras dos nossos adversários da imprensa sairão campeões sérios da doutrina.

Quando as tendências da obra do Sr. Théophile Gautier estiverem melhor desenhadas, nós faremos a nossa apreciação do ponto de vista da verdade espírita.

(*Espírita*, por Théophile Gautier)

Allan Kardec na *Revue Spirite* de 1866.